

DILEMAS DA EPISTEMOLOGIA AMBIENTAL

DILEMMAS OF ENVIRONMENTAL EPISTEMOLOGY

MUNIR JORGE FELÍCIO

Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista. Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente permanente do Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade do Oeste Paulista. Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

munir@unoeste.br

RESUMO

A crise de percepção como parte da crise do conhecimento científico é expandida pelas inversões provocadas pelo desenvolvimento da mercadoria. São dimensões interdependentes dos dilemas da epistemologia ambiental analisadas por este texto, tais como a personalização das mercadorias e a coisificação das pessoas. Essas e outras inversões obstaculizam a compreensão de aspectos imprescindíveis, referentes à questão ambiental atual, advindos de um determinado modelo de desenvolvimento impulsionado pela produção e pelo consumo. A epistemologia ambiental é parte de uma ciência impulsionada pela conflituosidade permanente devido à inversão que mantém a realidade invertida desde o desenvolvimento da mercadoria. Tal ciência se constitui por intermédio do exercício interdisciplinar tendo no diálogo dos saberes o seu dinamismo.

Palavras-chave: capitalismo; desenvolvimento; epistemologia ambiental; questão ambiental; teoria do fetichismo.

ABSTRACT

The perception crisis as part of the scientific knowledge crisis is expanded by inversions caused by merchandise development. They are interdependent dimensions of the environmental epistemology dilemmas which have been analyzed in this study, such as the customization of goods and the reification of people. These and other inversions obstruct the understanding of essential aspects relating to the current environmental issues, arising from a particular development model driven by production and consumption. Environmental epistemology is part of a science driven by the permanent conflict due to the inversion that maintains the inverted reality since the development of merchandise. Such science constitutes itself through interdisciplinary exercise, having in knowledge dialogue its own dynamism.

Keywords: capitalism; development; environmental epistemology; environmental issues; theory of fetishism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 DA EPISTEMOLOGIA AMBIENTAL; 2 INVESTIGAÇÃO SOBRE A GÊNESE DAS ESTRUTURAS DA SOCIEDADE CAPITALISTA: DO FEUDALISMO AO CAPITALISMO; 3 A FETICHIZAÇÃO DO DINHEIRO, DO CAPITAL E DA MERCADORIA: A GÊNESE DO PENSAMENTO FETICHIZADO; 4 O SER AGENTE EM GRAMSCI E A CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA EM MORIN; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

À medida que avança a segunda década do século XXI os problemas ecológicos globais danificadores da biosfera desafiam a mente dos pesquisadores por duas razões. A primeira porque não podem ser compreendidos isoladamente e, segundo, porque as soluções ou a falta delas afetarão as gerações futuras. A ampliação dessa sistematicidade ecológica poderá emergir por intermédio de debates e do intercâmbio de ideias sobre a crise de percepção visando rompê-la pela superação da visão de mundo mecanicista para uma visão de mundo ecossistêmica, já que os problemas ambientais são questões sistêmicas.

O presente texto faz parte desses debates propondo discutir os dilemas da epistemologia ambiental ao tentar compreender o desenvolvimento estrutural da engrenagem composta pela mercadoria, mercado, dinheiro e capital desde a Revolução Industrial. É importante discutir o como e o porquê das inversões provadas por essa engrenagem obstaculizarem, cada vez mais intensamente, o surgimento de uma nova percepção da realidade.

Com essa percepção poderá emergir nova linguagem, novas interpretações, novos significados sobre os problemas do conhecimento relacionados com a crise ambiental, pois, sua solução implica em mudança profunda na organização do conhecimento científico e não científico. Trata-se do desenvolvimento do pensamento complexo, crítico e interdisciplinar a discutir as formas e os métodos da utilização dos recursos naturais pelo ser humano.

A proposta deste texto consiste em investigar a possibilidade ou não da conciliação entre reprodução social e preservação dos recursos naturais, discutindo, na primeira parte, as abordagens da epistemologia ambiental; na segunda parte a gênese das estruturas capitalistas desde a superação do sistema feudal de produção para verificar de que forma o sistema capitalista de produção se consolidou. Na terceira parte, a reflexão sobre a teoria da fetichização do dinheiro, do capital e da mercadoria demonstrará o desenvolvimento do pensamento fetichizado impulsionado pela ditadura da mercadoria. Na quarta parte se discutirá

as alternativas de superação do pensamento fetichizado ao propor a concepção de ser humano como agente, ativo, protagonista e empreendedor. Aquele que age ao construir a sua história modifica a si mesmo e o ambiente em que se encontra de forma empreendedora, independente e responsável.

1 DA EPISTEMOLOGIA AMBIENTAL

A desproporção do uso dos recursos naturais limitados para atender as ilimitadas necessidades humanas, tanto fundamentais quanto artificiais, denomina-se de questão ambiental. A epistemologia ambiental como teoria de uma nova racionalidade desenvolve o saber cuja gênese consiste em conhecer, compreender e discutir as causas e os efeitos desta desproporcionalidade para garantir “a sustentabilidade da vida” como quer Leff¹ e desconstruir os conflitos que “nascem da utilização cada vez maior do ambiente natural por conta da expansão econômica” como demonstra Alier². Discutir sobre os paradoxos do modelo econômico hegemônico, debater sobre os limites ecológicos do desenvolvimento, apontar as dificuldades da transição da racionalidade econômica para a ambiental e eleger a questão ambiental como questão atual de todas as questões, entre outras, compõem o trabalho da epistemologia ambiental, do qual, o presente texto se propõe a participar.

A complexidade, criticidade e interdisciplinaridade são características próprias do saber ambiental por não ser possível compreender as problemáticas ambientais atuais utilizando os mesmos paradigmas científicos que as engendraram. A imprescindibilidade do trabalho interdisciplinar próprio das Ciências Ambientais contribuirá com a ruptura dos raciocínios fechados desde que enfrente os impasses, incompatibilidades e dilemas advindos, quase sempre, do fracionamento cartesiano da estrutura lógica das grades curriculares dos cursos de graduação.

Para ampliar a compreensão sistêmica da vida é necessário o desenvolvimento da racionalidade ambiental ao sobrepor as abordagens sociais, políticas, econômicas, ideológicas, biológicas, químicas e históricas, entre outras, visando “abrir novas pistas para o saber no sentido da reconstrução e da reapropriação do mundo” e apreender que “a complexidade

¹ LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 14.

² ALIER, Joan Martínez. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagem de valorização**. 2ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2014, p. 14.

ambiental implica um processo de desconstrução e reconstrução do pensamento” como entende Leff³.

As pesquisas em Ciências Ambientais terão maior fôlego se buscarem na demanda externa seu dinamismo, pois, como explica Leff, os “processos de transformação ambiental dos paradigmas das ciências não se produzem por um desenvolvimento interno de seus programas de pesquisa, mas por uma demanda externa”⁴. Ela está sempre presente e cada vez mais elucidada pelos movimentos sociais no enfrentamento por terra e água, nos modelos de desenvolvimento no campo e na cidade e nas disputas pelos territórios, como, por exemplo, a “resistência contra a carcinicultura”⁵, descrita por Alier.

É parte da demanda externa elucidar o avanço do capital como grande saqueador e depredador dos recursos naturais em plena expansão; desconstruir as dimensões do círculo da fome como fenômeno complexo e suas diversas origens e desdobramentos biológicos, humanos, sociais e econômicos; averiguar os dilemas e desafios da gestão ambiental dos resíduos sólidos urbanos; discutir os encontros e desencontros do justo com o legal a partir dos impactos ambientais, dentre outros, poderá impulsionar um saber ambiental eclético, heterogêneo e negociado, já que a racionalidade ambiental não se constitui em

[...] uma doutrina homogênea, fechada e acabada, mas como um campo em construção de formações ideológicas e teóricas heterogêneas, abertas e dispersas, constituídas por uma multiplicidade de práticas sociais: o saber camponês e das comunidades indígenas sobre seu ambiente e seus recursos, integrado a suas formações ideológicas, seus valores culturais e suas práticas tradicionais de uso dos recursos; [...]⁶.

A gênese da epistemologia ambiental constitui em problematizar o desenvolvimento da racionalidade econômica impulsionadora do pensamento único e fetichizado a partir das degradações dos recursos naturais engendradas pelo atual avanço do modelo de desenvolvimento socioeconômico. O fortalecimento deste modelo se baseia na majoração da produtividade e se sustenta com a expansão tecnológica e com a exploração dos recursos naturais concebendo-os como abundantes e ilimitados. Entender a origem deste modelo será o objetivo a seguir.

³ LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 191.

⁴ *Ibid.*, p. 142.

⁵ ALIER, Joan Martínez. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagem de valorção**. 2ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2014, p. 119-144.

⁶ LEFF, Enrique. *op cit.*, p. 137-138

2 INVESTIGAÇÃO SOBRE A GÊNESE DAS ESTRUTURAS DA SOCIEDADE CAPITALISTA: DO FEUDALISMO AO CAPITALISMO

A gênese das estruturas sociopolíticas da sociedade que iniciou o século XXI possui raízes profundas nas transformações do sistema feudal. É imprescindível a investigação de tais transformações, pois, ela amplia a compreensão sobre a maneira como foi alterado o cerne dessas instituições por duas razões fundamentais. A primeira, pela necessidade do desenvolvimento de novos conceitos e interpretações distintas e, a segunda, pela construção teórica que avançava, simultaneamente, com a implantação das estruturas sociopolíticas capitalistas cujo objetivo, desde o início, se constituía na acumulação ampliada do capital.

Investigar sobre tais alterações ocupou, historicamente, a mente de inúmeros pesquisadores das mais diversas áreas do saber. Dentre eles se destacam as análises de Karl Marx⁷, Karl Kautsky⁸ e Rosa Luxemburg⁹ por terem pontos de partida, interesses e preocupações distintos. Todavia, o surgimento da instituição denominada mercado e o desenvolvimento da mercadoria constituíam duas das temáticas mais importantes de suas análises, a partir das quais, emergem novas concepções, novas abordagens, distintas implicações e impactos de toda ordem. A importância de tais temáticas permanece desafiando os pesquisadores por constituírem dilemas para a epistemologia ambiental, objeto de análise deste texto, pois, delas emanam a fonte dos resíduos sólidos os quais abastecem os lixões diariamente.

O surgimento da indústria moderna, desde o início, foi orientado pela produção e não pelo consumo, como entendeu Marx, pois “o comércio universal se desenvolve quase por completo em torno das necessidades não do consumo individual, mas da produção”¹⁰. A imprescindibilidade da produção capitalista faz lembrar a importância do leme que determina o rumo da embarcação, por partir do seu comando, as decisões e direcionamentos. Assim também, emergem da produção, todas as determinações necessárias para desenvolver o produto, gerar o mercado, criar o consumidor e subverter a ordem econômica ao sobrepor a oferta sobre a demanda, como explicou Marx:

⁷MARX, Karl. *Miseria de la Filosofía*. Moscou: Editorial Progreso, 1979 e MARX, Karl. *Para a crítica da economia política; salário, preços e Lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

⁸KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

⁹LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

¹⁰ “El comercio universal gira casi por entero en torno a las necesidades no del consumo individual, sino de la producción”. MARX, Karl. *Miseria de la Filosofía*. Moscou: Editorial Progreso, 1979, p. 34

A produção não produz, pois unicamente o objeto de consumo, mas também o modo de consumo, ou seja, não só objetiva, como subjetivamente. Logo, a produção cria o consumidor; [...] a produção não se limita a fornecer um objeto material à necessidade, fornece ainda uma necessidade ao objeto material. [...]. Portanto, a produção não cria somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto. A produção engendra, portanto, o consumo: 1 - fornecendo-lhe o material; 2 - determinando o modo de consumo; 3 - gerando no consumidor a necessidade dos produtos, que, de início, foram postos por ela como objeto. Produz, pois, o objeto do consumo, o impulso do consumo. De igual modo, o consumo engendra a disposição do produtor, solicitando-lhe a finalidade da produção sob a forma de uma necessidade determinante¹¹.

Com o advento da grande indústria a produção feudal tornou-se incompatível por não atender todas as exigências do mercado. A expansão da sociedade capitalista ampliou as desigualdades, principalmente, quanto ao domínio dos modos e meios de produção. Por assumir o comando da sociedade, a produção industrial, não pôde aguardar o desenvolvimento da demanda, fez e ainda faz a oferta sobrepôr a demanda, como explicou Marx, pois, “a grande indústria, impulsionada pelos mesmos instrumentos de que dispõe a produzir em escala cada vez mais ampla, não pode aguardar a demanda. A produção precede o consumo, a oferta se impõe sobre a demanda”¹². Eis a gênese necessária do mercado pela capacidade dele erigir demandas como condição permanente para o desenvolvimento da permutabilidade, fornecendo a base de consolidação da estrutura econômica da sociedade, cuja pujança impõe e condiciona o desenvolvimento da vida social de tal modo que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas o contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”¹³.

Esse fenômeno seminal explica as razões advindas das transformações das forças produtivas que marcaram a era capitalista desde os seus primórdios, pois, elas estão intimamente vinculadas às relações sociais, criando-as, transformando-as e expandindo-as. O desafio consiste em compreender o movimento histórico onde se encontram as razões do engendramento estrutural dessas relações, como já havia desafiado Marx “os economistas

¹¹ MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; Salário, preços e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 9.

¹² “la gran industria, forzada por los instrumentos mismos de que dispone a producir en una escala cada vez más amplia, no puede esperar a la demanda. La producción precede al consumo, la oferta se impone sobre la demanda”. MARX, Karl. **Miseria de la Filosofía**. Moscou: Editorial Progreso, 1979, p. 56

¹³ MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; Salário, preços e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 25.

explicam como se desenvolve a produção dessas relações, mas não nos explicam como se produzem essas relações, isto é, o movimento histórico que as engendra”¹⁴.

O desenvolvimento das relações sociais e das forças produtivas proporcionou as condições indispensáveis para a formação da indústria manufatureira, com a qual ocorreu a necessária acumulação de capital. Dentre as circunstâncias históricas que mais contribuíram, significativamente, para a expansão e para o avanço da indústria manufatureira se destacaram: a) o descobrimento das Américas e a importação de metais preciosos; b) o aumento da circulação de mercadorias desde que o comércio adentrou as Índias Orientais; c) o crescimento do regime colonial; d) o progresso do comércio marítimo e, e) o enorme contingente de braços disponíveis constituindo mão de obra farta e barata, advindo da expulsão do campesinato como resultado do processo dos cercamentos dos campos abertos dos séculos XV e XVI.

As condições históricas para o surgimento da indústria moderna demonstraram o desenvolvimento das diversas dimensões socioeconômicas e políticas, tais como, a ampliação do mercado internacional, possibilitando a acumulação de capitais por intermédio e forçando as transformações na posição social das classes e, por conseguinte, a expansão cada vez mais intensa de pessoas privadas dos seus meios de produção. Todas essas transformações foram impulsionadas pelo avanço do capitalismo industrial cujo dinamismo separou e, simultaneamente, uniu as pessoas, como procurou detalhar Marx:

O tecelão e o fiador, reunidos antes na mesma família, foram separados pela máquina. Graças à máquina, o fiador pode habitar na Inglaterra enquanto o tecelão se encontrava nas Índias Orientais. Antes da invenção das máquinas, a indústria de um país se desenvolvia principalmente na base das matérias primas que eram produzidas no seu próprio solo: assim, a Inglaterra produzia a lã. A Alemanha o linho, a França a seda e o linho, as Índias Orientais e Levante, o algodão, etc. Graças a aplicação das máquinas e do vapor, a divisão do trabalho alcançou tais proporções que a grande indústria, desligada do solo nacional, depende unicamente do mercado mundial, do comércio internacional e da divisão internacional do trabalho¹⁵.

¹⁴ Los economistas nos explican cómo se lleva a cabo la producción en dichas relaciones, pero lo que no nos explican es cómo se producen esas relaciones, es decir, el movimiento histórico que las engendra. MARX, Karl. *Miseria de la Filosofía*. Moscou: Editorial Progreso, 1979, p. 84.

¹⁵ “El tejedor y el hilador, reunidos antes en una sola familia, fueron separados por la máquina. Gracias a la máquina, el hilador puede habitar en Inglaterra mientras el tejedor se encuentra en las Indias Orientales. Antes de la invención de las máquinas, la industria de un país se desarrollaba principalmente a base de las materias primas que eran producto de su propio suelo: así, Inglaterra elaboraba la lana. Alemania el lino, Francia la seda y el lino, las Indias Orientales y Levante, el algodón, etc. Gracias a la aplicación de las máquinas y del vapor, la división del trabajo alcanzó tales proporciones que la gran industria, desligada del suelo nacional, depende únicamente del mercado mundial, del comercio

Para Marx compreender a história como a transformação contínua da natureza humana implica perceber que a gênese da vida social depende do desempenho da sua produção material. O desenvolvimento das forças produtivas impulsiona uma determinada forma de comércio e de consumo, de tal maneira que, ao atingir um nível de produtividade capaz de alterar a forma do comércio e do consumo, erigirá, por essas razões, a reorganização das constituições sociais e políticas. As transformações das famílias e das classes sociais atingirão o cerne da sociedade civil e, por conseguinte, emergirá um novo regime político, o qual nada mais é do que a expressão da sociedade civil.

Essas reflexões obtidas das análises de Marx e Leff¹⁶ foram reexaminadas e, por vezes, ampliadas por Alier¹⁷ por sua preocupação em compreender as leis fundamentais que regiam a sociedade capitalista e a sua peculiaridade. E, aqui está o alerta dele para futuros pesquisadores:

O teórico que deseja pesquisar as leis fundamentais que regem essa sociedade não deve permitir que a abundância de fenômenos particulares o iluda. Terá de pesquisar o modo de produção capitalista e atentar para o que nele existe de peculiar, em outras palavras, para suas formas clássicas e totalmente isentas da influência que nele exercem os remanescentes de outras formas de produção, bem como para os germes de formas futuras¹⁸.

A gênese do mercado e o desenvolvimento da mercadoria constituem dois dos aspectos peculiares do mecanismo integral da expansão da produção capitalista, pois, o avanço da indústria urbana afetou e transformou o caráter da produção agrícola feudal. Nela, o primitivo comunismo fundiário estava “perfeitamente adaptado às necessidades de uma cooperativa de indivíduos de mesmo nível, tendo todos mesmo gênero de vida e produzindo para o próprio uso”¹⁹.

Agora surgia, todavia, um mercado caracterizado por necessidades variáveis; desenvolvia-se, assim, a desigualdade entre os companheiros da mesma aldeia, dos quais alguns só produziam em suas terras o suficiente para o próprio uso, enquanto outros produziam quantidades excedentes. [...] A transferência para esse modo de produção exigia que se acabasse com a forma de compromisso

internacional y de la división internacional del trabajo”. Karl. *Miseria de la Filosofía*. Moscou: Editorial Progreso, 1979, p. 113-114.

¹⁶ LEFF, Enrique. *Epistemologia Ambiental*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 14.)

¹⁷ ALIER, Joan Martínez. *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagem de valoração*. 2ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2014, p. 14.

¹⁸ KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Nova Cultural, 1986, p.13

¹⁹ *Ibid.*, p. 32-33.

existente entre o comunismo do solo e a propriedade particular que o modo de produção medieval representava; tornou-se necessário estabelecer a propriedade plena, partilhar a pastagem comunitária, suspender o uso comunitário do solo e a obrigatoriedade do afolhamento, acabar com a dispersão dos lotes cultiváveis, juntá-los e fazer assim do senhor da terra o proprietário absoluto de seu conjunto de terras interdependentes em que se pudesse trabalhar exclusivamente atendendo aos imperativos da concorrência e do mercado²⁰.

A expansão do capital no campo impulsionou a revolução das condições de produção, transformando as relações feudais pela produção capitalista de mercadorias e implantou o mercado urbano com o desenvolvimento da indústria moderna. As transformações da indústria moderna alteraram o modelo de produção da agricultura ao expropriar os meios de produção do domínio do trabalhador, pois, se antes ele vendia diretamente o que produzia ao consumidor, agora foi transformado em trabalhador assalariado e passa a vender ao empresário capitalista a única coisa que lhe restou: sua força de trabalho.

O capital ao dominar todas as esferas produtivas impõe suas leis de acumulação, bem como, suas condições para poder obter a sua mais profícua fonte de renda: a extração de mais-valia. Na medida em que a mercadoria circula, sua tendência será fluir cada vez mais rápido no mercado, possibilitando aumentar a permutabilidade e com ela a transformação da mais-valia em capital, como explicou Kautsky:

O capital encontra-se em constante troca. Hoje ele existe sob a forma de dinheiro, amanhã sob a forma de meios de produção, depois de amanhã ele se manifesta como mercadoria; ele se submete a múltiplas contrações e expansões, à passagem de uma fase de crise para outra de prosperidade etc. [...] Quanto mais crescem a exploração e o volume da mais-valia, mais cresce o luxo da burguesia, luxo que encontra sua expressão, entre outras formas, também na aquisição e construção de sedes rurais [...]²¹.

A extração de mais-valia e a expansão do mercado internacional tornaram-se imprescindíveis para o avanço do modo de produção capitalista por suscitar uma produtividade cada vez maior ultrapassando, inclusive, o aumento populacional, o que se constitui problema para os donos do capital. O aumento da produtividade exige a ampliação da permutabilidade para que a mais-valia seja transformada, toda ela em capital e, por conseguinte, retorne como investimento, ao ciclo produtivo, impulsionando-o, pois,

[...] essa riqueza em crescimento incessante vem se tornando uma fonte de problemas cada vez maiores para os produtores capitalistas. Isso porque o modo

²⁰ KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Nova Cultural, 1986, p.33

²¹ *Ibid.*, p.184-185.

de produção capitalista gera a mais-valia que não pára na mão do trabalhador, mas em mãos da classe dos capitalistas, constituindo ao mesmo tempo, no entanto, uma produção em larga escala, uma produção de artigos destinados ao consumo da grande massa popular²².

Além da permutabilidade exigida para poder transformar a mais-valia em investimento novo, Luxemburg²³ demonstrou a importância do capital se relacionar com outras formas produtivas para que sua acumulação se perpetuasse. A produção capitalista das relações não capitalistas de produção consiste numa das alternativas para vencer os limites colocados à sua expansão. E, se a instituição mercado e o desenvolvimento da mercadoria já se constituíam dilemas para a epistemologia ambiental, com Luxemburg a reprodução ampliada do capital e a extração de mais-valia se constituem no dilema dos dilemas, pois,

A produção capitalista não é uma produção voltada para fins de consumo, mas para a produção de valor. As relações de valor dominam totalmente o processo de produção, assim como o de reprodução. Produção capitalista não é produção de objetos de consumo, nem de mercadorias simplesmente, mas uma produção de mais-valia. Em termos capitalistas, a reprodução ampliada significa, portanto, incremento de produção de mais-valia. A produção de mais-valia se processa, de fato, sob a forma de produção de mercadorias, ou seja, em última análise, como produção de objetos de consumo. É somente na reprodução que esses dois aspectos voltam sempre a distinguir-se em função das variações que se observam na produtividade do trabalho²⁴.

A questão vital da acumulação capitalista é a realização da mais-valia que só pode se concretizada, na sua totalidade, por círculos de compradores fora da sociedade capitalista, por serem os únicos possuidores de dinheiro novo. Esse dinheiro novo obtido fora da produção capitalista se transformará, por sua vez, em capital e será novamente reintroduzido, como investimento, para produzir mais mercadorias. Em cada uma dessas mercadorias a mais-valia aguardará a sua plena realização num giro que não tem fim, como aconteceu quando

a indústria algodoeira inglesa forneceu durante os primeiros 2/3 do século XIX (e ainda fornece, em parte, atualmente) tecidos de algodão ao campesinato e à pequena burguesia urbana do continente europeu, como também ao campesinato da Índia, da América, da África etc. [...] a indústria inglesa forneceu, na primeira metade do século XIX, material de construção para ferrovias em países americanos e australianos. [...] Outro exemplo é o da indústria química alemã, que fornecia meios de produção, como tintas, de grande saída em países de produção não-capitalista, como os da Ásia, África, etc²⁵.

²² KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Nova Cultural, 1986, p. 209.

²³ *Ibid.*

²⁴ LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 11

²⁵ LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 242.

A expansão do modo de produção capitalista sempre se desenvolveu também num meio social não-capitalista, mesmo por que, foi dessa forma que ele se consolidou desde o início. Ao introduzir a economia de mercado pela apropriação dos meios de produção e pela realização plena da mais-valia, o capitalismo, vai esquadrihando todas as regiões do globo, incluindo as comunidades de economia natural, até que todas as camadas e sociedades não-capitalistas se tornem “consumidoras de mercadorias do capital e têm de vender-lhe seus produtos”²⁶, principalmente, aqueles que foram produzidos utilizando métodos não-capitalistas. Assim existem,

entre cada período produtivo (em que a mais-valia é produzida) e a acumulação que o sucede (em que a mais-valia é capitalizada), duas transações distintas, ou seja, a transformação da mais-valia em sua forma pura de valor e a realização e a transformação dessa forma pura de valor em forma produtiva de capital, transações que ocorrem entre a produção capitalista e o mundo não-capitalista que o circunda. Sob ambos os pontos de vista, pois, da realização da mais-valia, bem como da obtenção dos elementos do capital constante, o comércio mundial é por princípio uma condição histórica de existência do capitalismo, comércio este que, nas condições concretas existentes, é, por natureza, uma troca que se verifica entre as formas de produção capitalistas e as não-capitalistas²⁷.

Assim como a indústria moderna foi engendrada para atender às leis da produção capitalista e não do consumo, como demonstrou Marx²⁸, Luxemburg²⁹ elucida a peculiaridade da reprodução do capital social total advinda da realização plena da mais-valia como condição imprescindível de acumulação constante. E, essa acumulação não ocorrerá se houver apenas rodízio de dinheiro passando do bolso do capitalista para o bolso do proletário, na forma de salário e, vice-versa, na forma de consumo. É imprescindível, portanto, a produção capitalista das relações não capitalistas de produção proporcionando a obtenção de novo capital-dinheiro.

Como o “dinheiro tem a sua origem na própria mercadoria”³⁰ deduz-se que ela não é um objeto qualquer. Ela é multidimensional e se desenvolve a partir do seu ingresso no mercado por ser ele o meio apropriado para desabrochar suas dimensões como; a mais-valia, o valor de uso, o valor de troca, o valor financeiro, o fetiche, etc. São potencialidades transformadoras, pois, a mercadoria, na aparência, continua a ser um objeto qualquer, mas na essência se transforma em

²⁶ *Ibid.*, p. 265.

²⁷ *Ibid.*, p. 245-246.

²⁸ LEFF, Enrique. *Epistemologia Ambiental*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 14.

²⁹ *Ibid.* p. 191.

³⁰ MARX, 1982, p. 55.

sujeito e, por conseguinte, estabelece relações sociais entre si como se tivesse vida própria, como se fosse ser humano.

Ao analisar o mundo caprichoso das mercadorias, Franz Hinkelammert³¹ demonstrou como elas “lutam entre si, fazem alianças, dançam, lutam, uma ganha, outra perde. Todas as relações que se podem formar entre os homens, dão-se também entre as mercadorias”³². Portanto, elas não são objetos quaisquer, são sujeitos. De forma alguma são coisas inertes, estão constantemente em movimento com autonomia e protagonismo, como “sujeitos do processo econômico”³³. E, como sujeitos do processo econômico, interferem no âmago das relações sociais por intermédio da fetichização das relações econômicas, objeto das análises de Hinkelammert a seguir.

3 A FETICHIZAÇÃO DO DINHEIRO, DO CAPITAL E DA MERCADORIA: A GÊNESE DO PENSAMENTO FETICHIZADO

A engrenagem composta pela mercadoria, dinheiro, mercado e capital está, desde a gênese da sociedade burguesa, na sua medula como parte inerente de onde emergem os fundamentos das principais concepções. “Mudam as formas de expressão e as palavras, mas jamais muda seu conteúdo”³⁴. Ao analisar o conteúdo das principais concepções burguesas Hinkelammert constrói um marco categorial teórico para demonstrar os mecanismos ideológicos manipuladores das consciências que “se dirigem no sentido de ocultar o mais possível as categorias com as quais a sociedade é interpretada”³⁵.

A engrenagem da sociedade burguesa constituiu-se, desde sempre, o principal objeto de devoção da ciência social burguesa. O primeiro teórico que descreveu o desenvolvimento dessa engrenagem foi Thomas Hobbes. A sociedade burguesa é o Leviatã e o dinheiro é o sangue que, para vivificar todo o organismo, não pode ser impedido de circular. Essa força oculta que obstaculiza o impedimento da circulação do dinheiro da sociedade burguesa emerge com Smith como “mão invisível” com sua racionalidade própria.

³¹ HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

³² *Ibid.*, p. 30

³³ *Ibid.*, p. 28

³⁴ *Ibid.*, p. 151

³⁵ *Ibid.*, p. 20

Opor-se a essa engrenagem implica na mais ingênua irracionalidade a afrontar o domínio da mercadoria que se opõe, pela competição, ao próprio desenvolvimento da vida humana. Hinkelammert analisou a raiz do pensamento burguês de caráter profundamente violento ao discutir as relações econômicas pelo

[...] modo de ver e pelo modo de viver as relações mercantis. Essas são relações sociais que servem para efetuar a coordenação da divisão do trabalho. Todavia, são vividas e vistas como uma relação social entre coisas e objetos. Por isso Marx chama as mercadorias, como forma elementar delas, de objetos “físicos-metafísicos”. Por um lado, essas mercadorias são objetos, por outro, têm ao mesmo tempo a dimensão de serem elas mesmas sujeitos do processo econômico. Mas como sujeitos, aparecem em competição com a própria vida humana. Tomam em suas mãos a decisão sobre a vida ou morte e deixam o homem submetido a seus caprichos³⁶.

As análises de Hinkelammert visam elucidar a lógica que mantém esse mundo invertido, “pois se o homem não tomar consciência do fato de que essa aparente vida das mercadorias não é mais do que sua própria vida projetada nelas, chega a perder sua própria liberdade e, no fim, sua própria vida”³⁷. As mercadorias agem e os seres humanos correm atrás, elas se transformam num “ente com personalidade própria, que funciona independente da vida concreta de pessoas concretas”³⁸.

Para ampliar a compreensão referente ao desenvolvimento dessa engrenagem - mercadoria, dinheiro, mercado e capital - Hinkelammert investigou as interconexões das relações mercantis para atingir a visibilidade da invisibilidade por intermédio da teoria do fetichismo:

As relações mercantis parecem ser outra coisa daquilo que realmente são. Essa aparência é percebida pelo produtor das mercadorias. A ideologia a interpreta. O fato de serem regras de vida ou morte, e portanto de um conflito entre os homens, é negado. Em vez disso, a ideologia as apresenta como regras do jogo, no qual os mortos são comparados com os acidentes naturais. A análise do fetichismo dedica-se às formas de ver e viver as relações mercantis, e não à análise da produção mercantil quanto a seu funcionamento como coordenação da divisão do trabalho.³⁹

Ao analisar o fetichismo das mercadorias Hinkelammert constatou o desenvolvimento de um mundo encantado e invertido como resultado da inversão que mantém a realidade invertida

³⁶ HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. p. 28.

³⁷ *Ibid.*, p. 28

³⁸ *Ibid.*, p. 153

³⁹ *Ibid.*, p.28

a partir da mercadoria e do seu impulso advindo do avanço das relações mercantis intensificando as relações sociais entre as mercadorias, pois,

[...] o produtor das mercadorias chega a ser dominado pelas relações sociais que as mercadorias estabelecem entre si. Quando as mercadorias “lutam”, começam a lutar entre si os donos e produtores. [...] Não se trata de uma simples analogia. Embora o caráter mercantil da produção seja um produto humano, trata-se de um produto que escapa a qualquer controle do homem sobre ele. As mercadorias começam-se a mover sem que ninguém tenha querido ou pretendido isso, ainda que qualquer movimento delas derive de algum movimento do homem⁴⁰.

Dentre as mercadorias emerge também o dinheiro, porém, não como uma mercadoria qualquer. O dinheiro é uma mercadoria destacada que “serve como denominador comum de todas as outras e na qual todas as outras têm de transformar-se para receber a confirmação de seu valor”⁴¹. Por intermédio do fetichismo do dinheiro Hinkelammert conseguiu demonstrar como as mercadorias ditam as leis do comportamento social, pois, o impulso proporcionado pelo intercâmbio mercantil decide sobre as relações sociais.

Em tais relações “os possuidores das mercadorias são possuídos pelas mercadorias”⁴² impondo, não apenas a aceitação passiva, como também a renúncia à liberdade e a pensar sobre os seus próprios atos, pois,

As mercadorias não só pensam pelo homem; também lhe ditam as leis de seu comportamento: as mercadorias pensam o dinheiro e o homem confirma tal pensamento criando o dinheiro; pensam o capital e o homem confirma isso criando relações de produção capitalistas. Mas sempre através da realização daquilo que a própria dinâmica do mundo insinua, o homem recebe o ditame sobre as leis do seu comportamento. Para que o mundo mercantil possa existir, o homem tem de aceitar uma norma básica: a propriedade privada e o respeito mútuo dos homens como proprietários⁴³.

A propriedade privada, a ideologia e a extração da mais-valia são categorias imprescindíveis para o desenvolvimento desse mundo, compreendido por Hinkelammert, como encantado, invertido e fetichizado. Sua sustentabilidade depende da autonomia da mercadoria e da hegemonia do dinheiro, pois, de ambas, emerge o capital, como categoria dominante, como explica Hinkelammert pela teoria do fetichismo do capital. Por ter a circulação da mercadoria e

⁴⁰ HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. p.31

⁴¹ *Ibid.*, p. 42

⁴² *Ibid.*, p. 153

⁴³ *Ibid.*, p. 45.

do dinheiro sob seu domínio o capital impõe determinada relação de classe no interior das relações mercantis capitalistas:

A análise do fetichismo da mercadoria e do dinheiro não enfrentou o problema das classes porque antes de surgirem as relações capitalistas de produção na sociedade pré-capitalista, as relações de classe se formavam fora do âmbito das relações mercantis. Por isso, produtor e proprietário de mercadorias supõem-se idênticos. Esses produtores-proprietários pertencem às relações mercantis, mas trata-se de uma exteriorização de sua interioridade que não se transforma num poder de uma classe social sobre outra. O poder de alguns homens sobre outros só marginalmente se transforma em poder de classe. Portanto, o fetichismo do capital tem duas faces: a face que adquire do ponto de vista do operário, que pertence ao capital e que é - no caso da compra de sua força de trabalho por parte do capital - o produtor das mercadorias; e a face que adquire do ponto de vista do proprietário da mercadoria, que é ao mesmo tempo proprietário do capital⁴⁴.

A análise do fetichismo advinda da teoria econômica de Marx auxiliou Hinkelammert a demonstrar a visibilidade do invisível a partir do fetiche e das inversões provocadas por ele como personalização das mercadorias e como coisificação das pessoas. Compreender a lógica dessa inversão e analisar seu alcance e seus desdobramentos desafia, historicamente, os pesquisadores, dentre eles se destaca Lukács⁴⁵ cujas análises propõem desvendar essa inversão a partir da superação do pensamento fetichizado que se amplia pelas relações mercantis e interfere na formação da consciência de classe. Superação que se constitui em mais um dilema para a epistemologia ambiental, pois, o pensamento fetichizado se desenvolve pelo imediatismo e espontaneísmo.

A gênese do pensamento fetichizado encontra-se nos fenômenos quando eles ocultam a essência de seu próprio ser, em lugar de revelá-la. É da capacidade interpretativa que depende a superação desse pensamento fetichizado da qual a epistemologia ambiental só se tornará parte se, nas suas interpretações, conseguir inverter a inversão que mantém a realidade invertida. Ou seja, decifrar e explicar a engrenagem que impulsiona a personalização das mercadorias e a coisificação dos seres humanos.

Eis, portanto, a importância das contribuições advinda das análises de Lukács quando objetivam compreender as engrenagens do pensamento fetichizado. Para tais análises a mercadoria se constitui como categoria universal do ser social total pela troca de uma coisa por

⁴⁴ HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. p. 51-52

⁴⁵ LUKÁCS, György. *Marx, Ontologia Del Ser Social*. Madrid: Ediciones Akal, 2007 e LUKÁCS, György. *História e Consciência de Classe*. Estudos de dialética marxista. Porto: Publicações Escorpião, 1974.

outra reificando, historicamente, as relações sociais por intermédio da interposição da mercadoria cada vez mais insubstituível. Para Lukács trata-se de relações entre coisas em que o ser humano se coisifica impulsionando a estrutura reificada da consciência como categoria fundamental para toda a sociedade.

Com efeito, só como categoria universal do ser social total a mercadoria pode ser compreendida na sua essência autêntica. Só neste contexto a reificação surgida da relação mercantil adquire um significado decisivo, tanto para a evolução objectiva (sic) da sociedade como para a atitude dos homens em relação a ela, para a submissão da sua consciência às formas por que se exprime esta reificação, para as tentativas que aqueles levam a cabo no sentido de compreenderem este processo ou de se oporem aos seus efeitos destruidores, de se libertarem da servidão da “segunda natureza” assim surgida⁴⁶.

Romper a servidão da segunda natureza, como quer Lukács, implica em superar o imediatismo e o espontaneísmo desfazendo as artimanhas capitalistas das relações mercantis com a desconstrução do pensamento fetichizado. Assim explica Lukács,

A economia de Marx está trespassada de espírito científico que em seu dever consciente e crítico, jamais renuncia ao sentido ontológico, que melhor como regra crítica coloca em movimento o estabelecimento de cada fato e de cada conexão. Dizendo em termos gerais, se trata de uma cientificidade que nunca perde sua ligação com a colocação espontaneamente ontológica da vida cotidiana, que, antes a purifica criticamente e a desenvolve elevando-a e as determinações ontológicas que necessariamente fundamentam toda ciência, as elabora conscientemente. Nisso precisamente instala claramente sua contradição com toda filosofia que constrói logicamente ou como quer que seja⁴⁷.

O imediatismo, o espontaneísmo, as artimanhas do pensamento único, a miséria da razão, a indistinção entre a aparência e a essência são algumas características do pensamento fetichizado. Ele serpenteia as relações sociais por intermédio do fetiche cada vez mais sedutor que, do interior da mercadoria, obstaculiza o ser humano de se reconhecer como resultado de sua própria atividade histórica e coletiva. É o veneno a que se refere Morin por retirar do ser humano a capacidade de abstração substituindo-a por um pensamento “privado da força libertadora da reflexão”⁴⁸. É como se o pensamento não conseguisse pensar-se a si mesmo.

⁴⁶ LUKÁCS, György. *História e Consciência de Classe*. Estudos de dialética marxista. Porto: Publicações Escorpião, 1974, p.100.

⁴⁷ LUKÁCS, György. *Marx, Ontologia Del Ser Social*. Madrid: Ediciones Akal, 2007, p. 77

⁴⁸ MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 21.

O veneno como característica do pensamento fetichizado será desfeito à medida que os pesquisadores construirão cientificidade e priorizarem nela o desenvolvimento do mais alto nível de consciência, como explicou Lukács:

[...] a ciência pode facilmente sair fora da sua função de controle e converter-se em órgão de ocultação, de desaparecimento da essência, no sentido que Hobbes conheceu. Por isso não é casual que a afirmação de Marx sobre a ciência e sobre a relação do fenômeno e da essência se escrevesse num marco de crítica da economia vulgar, na polêmica com concepções e interpretações de formas fenomênicas, absurdas - desde o ponto de vista do ser - e que suplantam inteiramente as conexões reais. A afirmação filosófica de Marx, tem aqui a função de uma crítica ontológica das falsas representações, de um despertar da consciência científica, com o fim de restabelecer no pensamento a autêntica realidade em si. [...] Por nossa parte cremos que Marx nisso tem criado uma nova forma de cientificidade geral, como também de ontologia, destinada no futuro a superar o carácter profundamente problemático da cientificidade moderna⁴⁹.

A imediatividade do pensamento fetichizado concorre para obstaculizar a compreensão da degradação ambiental como consequência do avanço do capital, pois, além de não conseguir separar fenômeno de essência, não consegue estabelecer, de forma adequada e lógica, um liame causal entre os impactos ambientais e a expansão do capital, no campo e na cidade. Constitui, portanto, o dilema dos dilemas da epistemologia ambiental a desafiar na construção de novos olhares e novas concepções dentro e fora do saber científico.

O incensamento da enorme eficiência produtiva do capital transformado pelo avassalador desenvolvimento tecnológico do seu parque industrial, além de empobrecer a ação humana - empobrecimento que Coutinho denomina de miséria da razão - não contribui para o reconhecimento da importância do cidadão como um ser social, como agente de sua história muito mais importante do que as dimensões financeiras e, muito mais complexo e articulado, pois,

Essa fetichização simultânea do sujeito e do objeto, paralela à ruptura dos laços imediatos entre indivíduo e comunidade, é a mais evidente consequência social da divisão capitalista do trabalho em sua fase madura. Entra aqui em jogo uma complicada dialética de essência e aparência, cujas consequências cognitivas são da maior importância para o processo que pretendemos descrever. Aparência e essência são momentos constitutivos da realidade objetiva. Todavia, entre esses dois níveis do real pode sempre existir, em maior ou menor intensidade, uma contradição ou mesmo um antagonismo. Uma representação científica da realidade, bem como uma práxis ampla e eficaz, demandam o estabelecimento de uma mediação dialética entre os mesmos, na qual a aparência seja dissolvida na totalidade que revela a essência.

⁴⁹ LUKÁCS, György. *Marx, Ontologia Del Ser Social*. Madrid: Ediciones Akal, 2007, p. 80

[...] Quando o pensamento não tem condições de superar o imediatismo e o espontaneísmo, não pode superar a descrição da forma aparente e alcançar a reprodução da essência. Converte então essa forma aparente em fetiche, ao conceder-lhe uma autonomia e universalidade que não possui⁵⁰.

A abstração faz do ser humano um ser especial pela capacidade de significar e significar-se, construindo, por suas decisões, as condições históricas para a produção de sentidos enquanto donos dos seus destinos e membros ativos a contribuir com a constituição da sociedade em que vivem. Por essas razões, apenas ele possui capacidade para unir discurso e significado, bem como descobrir a essência por intermédio do fenômeno ao superar, por seu pensamento, o imediatismo e o espontaneísmo. As suas decisões o determinarão como resistente ou como agente pela possibilidade em interferir e alterar as relações construtoras das formas gerais de sociedade conforme demonstraram as análises de Gramsci⁵¹ a seguir.

3 O SER AGENTE EM GRAMSCI E A CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA EM MORIN

São pelas formas gerais da sociedade que o indivíduo faz parte do gênero humano quando recebe a enorme herança histórica da qual não participou, mas que o atinge emoldurando, com tamanha robustez, sua visão de mundo, quase que lhe impondo determinadas concepções políticas, econômicas, religiosas, culturais, etc. Essa herança histórica é construída e impulsionada por essas formas gerais de sociedade, dentre as quais Gramsci destacou a sociedade dos homens e a sociedade das coisas⁵², denominado-as respectivamente de “*societas hominum*” e “*societas rerum*”.

Diante dessa herança histórica Gramsci compreende que apenas o ser humano possui capacidade e competência para romper com a significação mecanicista e determinista que lhe foi imposto por interesses diversos, todavia, como “todo homem é filósofo, todo homem é cientista”⁵³ ele tem o domínio mental e o conhecimento necessário para recepção-la e

⁵⁰ COUTINHO, Carlos Nelson. *O Estruturalismo e a Miséria da razão*. 2ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010, p.37-38

⁵¹ GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

⁵² *societas hominum e societas rerum*: GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989, p. 41

⁵³ GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989, p.41.

transformá-la alterando, em profundidade, essa significação que de mecanicista e determinista não possui nada, muito pelo contrário.

Por poder alterar a significação mecanicista e determinista o ser humano é concebido como um processo por intermédio dos seus atos e pela possibilidade em interferir e alterar as relações que impulsionam as estruturas sociais fundamentais da sociedade, pois

[...], são múltiplas as maneiras pelas quais o indivíduo entra em relação com a natureza, já que por técnica deve-se entender não só o conjunto de noções científicas aplicadas na indústria (como se entende costumeiramente), mas também os instrumentos “mentais”, o conhecimento filosófico. É um lugar comum a afirmação de que o homem não pode ser concebido senão como vivendo em sociedade, todavia não se extraem de tal afirmação todas as conseqüências necessárias, inclusive individuais: a saber que uma determinada sociedade humana pressupõe uma determinada sociedade das coisas. Na verdade, até agora, estes organismos supra-individuais tem recebido uma significação mecanicista e determinista (tanto a *societas hominum* como a *societas rerum*); daí a reação contra este ponto de vista. É necessário elaborar uma doutrina na qual todas estas relações sejam ativas e dinâmicas, fixando bem claramente que a sede desta atividade é a consciência do homem individual que conhece, quer, admira, cria, na medida em que já conhece, quer, admira, cria, etc.; e do homem concebido não isoladamente, mas repleto de possibilidades oferecidas pelos outros homens e pela sociedade das coisas, da qual não pode deixar de ter um certo conhecimento. (Assim como todo homem é filósofo, todo homem é cientista, etc.)⁵⁴.

Por conseguinte, torna-se importante compreender que esta concepção de mundo, como herança histórica encontra-se em permanente transformação cujo processo provoca diversas alterações repercutindo nas relações sociais, principalmente porque “o indivíduo não entra em relação com outros homens por justaposição, mas organicamente, isto é, na medida em que passa a fazer parte de organismos, dos mais simples aos mais complexos”⁵⁵.

São relações ativas e dinâmicas que o indivíduo estabelece com a natureza por intermédio do trabalho e da técnica. Longe de serem mecânicos, tais relacionamentos são ativos e conscientes por corresponderem

a um grau maior ou menor de inteligibilidade que delas tenha o homem individual. Daí ser possível dizer que cada um transforma a si mesmo, se modifica, na medida em que transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual ele é ponto central. Neste sentido, o verdadeiro filósofo é - e não pode deixar de ser - nada mais do que o político, isto é, o homem ativo que modifica o ambiente, entendido por ambiente o conjunto das relações de que o indivíduo

⁵⁴ GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989. p.40-41 (Grifos no original).

⁵⁵ *Ibid.*, p. 39.

faz parte. Se a própria individualidade é o conjunto destas relações, conquistar uma personalidade significa adquirir consciência destas relações, modificar a própria personalidade significa modificar o conjunto destas relações⁵⁶.

O conjunto destas relações é colocado em movimento ora pelos indivíduos que determinam a sociedade, ora é esta sociedade que condiciona a ação desses indivíduos e, portanto, na medida em que o indivíduo é influenciado pelas concepções de mundo elitizadas e delas discorda e resiste se opondo. Ele resiste a ideologia massificada, hegemônica e capitalista por não aceitar a visão de mundo vinda de fora da sua história de vida.

Todavia, para Gramsci esta resistência ainda não é o ideal, apesar de ser necessária; uma vez que para resistir o ser humano ainda está na dependência do próprio sistema capitalista e, por isso mesmo, ainda não atingiu a sua autonomia e independência e, por não ser ainda protagonista, pode ser facilmente cooptado e estar subsumido nas artimanhas construídas pelos grandes arquitetos, os senhores supremos da economia privada, em geral empresas gigantescas que controlam a maior parte da economia internacional.

Para ter domínio de suas ações, ser agente e se desenvolver como protagonista o ser humano constrói sua história ao deixar de ser subalterno e se arrisca a apresentar um projeto alternativo de sociedade, como explica Gramsci:

Porque, no fundo, se o subalterno era ontem uma coisa, hoje não mais o é: tornou-se uma pessoa histórica, um protagonista; se ontem era irresponsável, já que era “paciente” de uma vontade estranha, hoje sente-se responsável, já que não é mais paciente, mas sim agente e necessariamente ativo e empreendedor⁵⁷.

A concepção de ser humano como agente, ativo, protagonista e empreendedor se constitui em mais um dilema para a epistemologia ambiental e, ao mesmo tempo, um desafio, pois ela contribuirá de forma intensa na construção do ser humano não apenas que resiste, mas que age construindo a sua história, modificando a si mesmo e o ambiente em que se encontra por meio das suas relações de forma empreendedora, independente e responsável.

Razões como essas fazem Gramsci defender a hipótese segundo a qual todos os seres humanos são filósofos e cada um desenvolve a sua própria ideologia, concebida por Gramsci como sua inédita concepção de mundo, de vida e de ser humano. Trata-se de um movimento ininterrupto como ele explicou:

⁵⁶ GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989, p.40

⁵⁷ *Ibid.*, p.24

Criticar a própria concepção de mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. Significa, portanto, criticar também, toda filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício no inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário⁵⁸.

É importante compreender o pensamento de Gramsci em duas direções: de um lado os indivíduos são concebidos como matéria prima moldável na e da história, não tendo sentido o conceito de consciência a não ser como falsa consciência. Tais indivíduos são aqueles que fazem, mas não sabem que fazem. E, de outro, os indivíduos são concebidos como agentes e protagonistas por, cada vez mais, compreenderem-se como sujeitos conscientes do seu fazer histórico com pretensão para transformar, concomitantemente, a sua história e a da sociedade da qual faz parte.

O agente é aquele que se confronta com o sistema vigente ao decifrar as novas expressões das contradições e, diante delas, desenvolve uma concepção própria de mundo, de vida e de ser humano cujo protagonismo destrói as fronteiras da ideologia da submissão. Concepção como essa aplicada a atividade científica, mais propriamente à construção da epistemologia ambiental, poderá identificar a unidade desconstruindo a heterogeneidade. Do pensar fracionado ao diálogo dos saberes. De tal união dependerá o fazer ciência por intermédio de uma conflituosidade permanente, pois,

[...] a ciência é um lugar onde se desfraldam os antagonismos de idéias, as competições pessoais e, até mesmo os conflitos e as invejas mais mesquinhas. É claro que tudo isso está longe de ser só positivo, mas faz parte da conflituosidade que só é operacional e fecunda por causa da aceitação da regra do jogo e do consenso fundamental de todos os parceiros em conflito. Essa conflituosidade é permanente - e podemos vê-la mesmo nos domínios em que o conflito parece ter sido apaziguado⁵⁹.

Para enfrentar os dilemas da epistemologia ambiental os desafios apresentados pelas análises de Gramsci e Morin apontam para a imprescindibilidade em jungir teoria com prática, ética com vida cotidiana, amor com revolução. A dialética e a dialógica vitalizam as construções científicas por saber dividir, compartimentar, separar e unir. A ciência é uma mais não é pura. E,

⁵⁸ GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989, p.12

⁵⁹ MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p.52

na sua indivisibilidade admite a diversificação para ampliar seu poder de transformação na decifração dos fenômenos para analisar as essências e construir conhecimento.

CONCLUSÃO

A robustez do sistema capitalista ao atingir a sociedade do século XXI desenvolve sua hegemonia ao impulsionar a ditadura da mercadoria e consolida suas inversões desde sua gênese. Desde o início do modo de produção capitalista o desenvolvimento tecnológico foi orientado pela produção e não pelo consumo. O comércio gira em torno da produção e não da demanda, pois, o capital não pode aguardar o surgimento do consumo. Ele incrementa a necessidade quando cria o produtor, o produto e o consumidor.

Juntamente com a mercadoria surge o dinheiro e a ideologia. Ambas possuem objetividade específica: transformar a mercadoria de objeto em sujeito para comandar todas as relações sociais e impor a reorganização das constituições sociais e políticas. No cerne dessa engrenagem o ser humano se comporta não como sujeito, mas como mero objeto, pois as mercadorias agem e o leva a reboque. Eis a fonte de onde emergem os dilemas da epistemologia ambiental.

A epistemologia ambiental é parte de uma ciência impulsionada, necessária e obrigatoriamente, pela conflituosidade permanente devido à inversão que mantém a realidade invertida desde o desenvolvimento da mercadoria pelo avanço da tecnologia. Tal ciência se constitui por intermédio do exercício interdisciplinar tendo no diálogo dos saberes a sua mola propulsora. Da interdisciplinaridade poderá brotar algo inédito se a sua prática ampliar o reconhecimento da importância específica desenvolvida por cada ciência e, não negá-la, simplesmente. Esse saber interdisciplinar que é complexo e uno, mais não é puro, tem potencialidade para enfrentar os dilemas e apontar soluções as quais garantam a sobrevivência da presente e das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- ALIER, Joan Martínez. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagem de valoração**. 2. ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da razão**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- HINKELAMMERT, Franz. **As armas ideológicas da morte**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- LUKÁCS, György. **Marx, Ontologia Del Ser Social**. Madrid: Ediciones Akal, 2007.
- _____. **História e Consciência de Classe**. Estudos de dialética marxista. Porto: Publicações Escorpião, 1974.
- LUXEMBURG, Rosa. **A Acumulação do Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, Karl. **Miseria de la Filosofía**. Moscou: Editorial Progreso, 1979.
- _____. **Para a crítica da economia política; salário, preços e Lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Recebido em: 27/06/2016 / Revisões requeridas em: 17/06/2016 / Aprovado em: 02/08/2016